

## RECENSÕES

ETSPÜLER, P. José: **O batismo**. 96 pp. 21 x 14 cm. Edições Loyola, São Paulo 1975.

O autor propõe-se um estudo sobre o batismo, orientando-se pelo Concílio Vaticano II (6), não apenas nas citações freqüentes, mas no espírito. Realmente consegue uma linguagem muito aparentada à do Concílio, graças às abundantes citações ou referências bíblicas, patrísticas e conciliares. O autor insere o batismo na história da salvação (cap. I), relaciona-o com a fé (cap. II), enraíza-o em Cristo (especialmente no mistério pascal) (cap. III), acentua a ação do Espírito Santo (cap. IV) enfatiza sua dimensão eclesial (cap. V) e indica seus efeitos de missão segundo o tríptico múnus (cap. VI). Em suma, trata-se de uma apresentação escurra e arejada da doutrina tradicional da Igreja sobre o batismo. Nisto está seu mérito, nisto seus limites: O mérito de apresentar em breves páginas o que normalmente se pode e deve dizer sobre o batismo; o limite de não se esforçar por uma síntese mais lógica (os dados teológicos são postos lado a lado, sem que o autor se preocupe em concatená-los num entramento mais íntimo: que tem a ver, p. ex., a dimensão cristológica - cap. III - com a eclesiológica - cap. V -, a dimensão pneumatológica - cap. IV - com a tríptica função - cap. VI? etc.), o limite de não procurar uma linguagem mais compreensível ao homem atual (o livro é um exemplo de linguajar eclesiástico - no sentido mais nobre do termo), o limite de não ter uma problemática teológica atual a impulsionar a obra ...

Embora não conste em nenhuma parte, esta obra poderia considerar-se como segunda edição, aumentada e inteiramente refundida, de um livro anterior: P. José Etspueler, **O batismo, regeneração em Cristo** (Coleção "Caminho, Verdade e Vida, nº 5), Edições Paulinas, São Paulo 1968. Embora geralmente tenha havido um amplo trabalho de reelaboração, o leitor atento poderá observar passagens inteiras que foram apenas levemente corrigidas (p. 54-55 corresponde praticamente às p. 56-57 da obra anterior), ou simplesmente transcritas (assim as p. 38-39 correspondem às p. 34-37 da obra mais antiga, inclusive no engano não corrigido de citar um texto da Constituição sobre a Liturgia - SC 47 - e remeter à Constituição sobre a Igreja - LG 47 - cf. p. 39; na "edição"

anterior: p. 36). Evidentemente que fazer isto é direito do autor; mas o leitor mereceria ser informado do caráter de "nova edição refundida", próprio à obra. — Ainda alguns senões: À p. 53 o título "Vivência da graça batismal" não se enquadra na divisão interna do capítulo e com razão não consta do índice (93). Terá sido só descuido da gráfica? — Iguamente não se sabe por que a instrução "Eucharisticum Mysterium" à p. 69 e a Encíclica "Populorum Progressio" à p. 89 não são citadas ao pé da página como ocorre em todas as outras indicações de fonte.

Francisco Taborda S.J.

**METZ, René - SCHLICK, Jean. - Los Grupos informales en la Iglesia** (Nueva Alianza 72), trad. do francês por Ramón Susín. 304 pp.; 14 x 21 cm. Ediciones Sigueme. Salamanca 1975.

O presente livro, coleção dos trabalhos apresentados nos "Colóquios de Estrasburgo", sobre o tema geral "Homens e Igreja", em 1971, tem uma atualidade que seis anos de distância não diminuiram. Porque o fenômeno dos "grupos informais" é o que entre nós se conhece sob a denominação de "comunidade de base". É evidente, porém, que o contexto europeu - e, mais concretamente, francês - determina um enfoque bem diferente da nossa realidade. Em primeiro lugar, porque a maioria dos autores (são treze ponências de autores diferentes) escreve ainda sob o impacto provocado pelos acontecimentos de maio de 1968 e a efervescência posterior que produziram. Em segundo lugar, porque nenhum deles parece conhecer as comunidades eclesiais de base tal como se desenvolvem no nosso meio. O material informativo que eles manejam é essencialmente europeu (francês e alemão, sobretudo), com algumas referências aos Estados Unidos. Do Brasil, apenas se cita a experiência de Barbé, em Osasco.

Mas essa limitação do enfoque, perfeitamente compreensível para quem escreve na França para franceses, não tira a importância do presente estudo para quem se interessa pelos temas eclesiológicos levantados pelas comunidades de base. A análise dos fatos - levada a cabo por sociólogos, políticos, filósofos e pastoralistas - "levanta a caça", como se costuma dizer. Creio que desses trabalhos se deduz uma série de questões, sobre ideologias subjacentes, sobre repartição do poder, sobre motivações políticas, econômicas e sociais, que, longe de assustar, deveriam ser lançadas ao campo do consciente. E isso, tanto se o grupo informal é

contestatário como se é conformista. Como estes trabalhos nos mostram, nem tudo o que parece original o é realmente. Daí também a importância das quatro ponências de caráter histórico apresentadas no Colóquio. Embora esses historiadores focalizem fundamentalmente grupos heterodoxos, muitas das suas inquietudes correspondem às dos grupos que hoje, num outro contexto social, fazem questão de permanecer dentro das igrejas institucionais, embora sejam animados por uma dinâmica anti-institucional ou contra-institucional.

A parte mais fraca, infelizmente, é a dedicada à reflexão teológica e que contém três trabalhos: de um protestante (calvinista), de um ortodoxo e de um católico. Até certo ponto, essa deficiência é explicável, porque os teólogos não conheciam os dados dos sociólogos quando escreveram os seus trabalhos. Por isso, é lamentável que o colóquio não tenha prosseguido, com uma discussão franca entre os que pareciam rejeitar a instituição paroquial (e talvez toda instituição eclesial) e os que pareciam apenas preocupados com a "recuperação" dos grupos informais para a instituição oficial. Neste sentido, a obra que comentamos é algo incompleto. Mas, por isso mesmo, é algo estimulante, porque incita a continuar a reflexão.

Jesús Hortal, S.J.

ALVES, Rubem A., **HJOS DEL MAÑANA, Imaginación, creatividad y renacimiento cultural**, tradução do original inglês por Juan José Coy (Col. Estudios Sigueme - 15), 232 pp., 12 x 21 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, Espanha, 1976.

Muito se tem escrito nestes últimos anos sobre as modernas sociedades tecnocráticas. Baste aqui lembrar a tão badalada obra de Hermann Kahn e Anthony J. Wiener, *THE YEAR 2000*, ou *O CHOQUE DO FUTURO*, de A. Toffler. Ou lembremos ainda a obra que agora é reeditada com muito interesse no Brasil *ENTRE DUAS ERAS* de Zbigniew Brzezinski, principal assessor em questões de segurança do atual governo norte-americano. Brzezinski fala de uma sociedade tecnocrática, isto é "uma sociedade moldada (sic), cultural, psicológica, social e economicamente, pelo impacto da tecnologia e da eletrônica", da qual a América do Norte seria o laboratório. Aliás o subtítulo já o exprime: "América: Laboratório do mundo". Obviamente todas estas análises partem do mundo desenvolvido e não se cansam em cantar as maravilhas deste "Admirável Mundo Novo".

Há no entanto uma análise mais questionadora e crítica e que principalmente tem surgido a partir de uma situação de América Latina e Terceiro Mundo, sobre o domínio que estas grandes potências tecnocráticas e tecnocrônicas exercem sobre os seus povos e de maneira especial sobre os outros povos. Assim poderíamos lembrar as análises sócio-econômicas de um Fernando Henrique Cardoso e de um Theotonio dos Santos, por exemplo. As análises filosóficas de Juan Carlos Scannone e E. Dussel quando, por exemplo, abordam a modernidade e a pós-modernidade, se inserem neste conjunto. Tenha-se presente neste sentido ainda a série de artigos de L. Boff sobre Teologia da Libertação em Grande Sinal 28 (1974), principalmente pp 355-368 e 426-441.

Este livro de Rubem A. Alves se inscreve nesta perspectiva. É uma tentativa, sem dúvida apaixonante, de desvendar desde a perspectiva humanista da imaginação e da criatividade a lógica interna do atual sistema de poder que impregna todas as estruturas do mundo de hoje. Assim Alves na primeira parte do seu trabalho nos mostrará de como a lógica do poder transforma a vida numa de suas funções que possibilite a sua perpetuação, já que o seu único valor é o poder e o poder total. E é nesta sofreguidão do quanto mais poder, melhor, que a organização, que segundo Alves, não é nem mais nem menos que a racionalização do poder visando a descoberta e a eliminação de tudo quanto resulta disfuncional, se encarregará de que cada um faça o jogo adequado segundo as regras estabelecidas pelo centro de poder (cfr. pg. 17-18). E nada mais disfuncional para o sistema de poder do que a liberdade de imaginação. Por isto mais eficaz para a manutenção do sistema será o controle da imaginação. "O escravo deve aprender a amar ao seu senhor" (p. 38). A ciência se encarrega de fornecer o instrumental necessário para este domínio... O homem, assim, deverá aprender a renunciar à toda vontade própria, e reconhecer e se convencer de que a lógica do coração é irrelevante, e se submeter à "realidade" da vida. Deve converter-se ao "realismo". Esta é a ideologia da nossa civilização, diz Alves (p. 59).

Na segunda parte o A. passará a expor a força da imaginação e a lógica da criatividade sempre em contraposição à lógica do poder. Descreverá a intenção mágica, desportiva, utópica da imaginação. Magia, religião, o jogo, a arte, as utopias, as ideologias que nada mais são que instrumentos de que se vale a personalidade, e que a personalidade mesma cria, para levar até o fim as suas resistências. Resistências que possibilitam os atos criadores, criativos.

Rubem Alves, atualmente professor de sociologia na Universidade de Campinas, presidente do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), é autor da obra "A Theology of Human Hope", traduzida pelas Ediciones Sígueme sob o título "Cristianismo, Ópio o liberación", e para outros idiomas do mundo. Falta-nos, porém, desta obra uma tradução portuguesa. Também é autor da coletânea de artigos publicados sob o título de "O Enigma da Religião" (cfr. recensão em *Perspectiva Teológica* 15 (1976) p. 87-88).

HIJOS DEL MAÑANA é um trabalho denso. Sua leitura é envolvente. Uma seiva evangélica percorre suas páginas. É uma obra importante. Importante porque possibilita uma compreensão melhor do horizonte a partir do qual foram escritas a sua já obrigatória obra na teologia latino-americana que é "A Theology of Human Hope" e o seu "Enigma da Religião". Importante para todos nós latino-americanos que sentimos cada vez mais a projeção sobre o nosso continente desta ideologia que reconcilia a repressão de nossas aspirações e a frustração de nossos desejos (cfr. p. 74) e que conhecemos sob o nome de Doutrina de Segurança Nacional. Rubem A. Alves com este seu trabalho nos possibilita uma compreensão desta realidade enquanto permite, a partir de suas colocações, desvendar os fundamentos últimos desta ideologia.

A terceira grande parte da obra de Rubem Alves intitula-se "A Imaginação e a concepção do futuro". Compõe-se de um só capítulo. Rubem A. Alves nesta última parte do livro tenta dar pistas para a pergunta que se faz: O que fazer? Pergunta que é a pergunta que necessariamente se coloca para quem acompanha o autor nas duas primeiras partes do seu livro. Rubem Alves inicia esta parte afirmando: "Pertencço a uma geração frustrada, e penso e falo como consequência e resultado desta experiência" (p. 207). Mais adiante, continuando na mesma linha de pensamento e repetindo o que já tínhamos encontrado em outros trabalhos do autor (cfr. O ENIGMA DA RELIGIÃO, Petrópolis, 1975, p. 113) afirma: "Esta geração acreditou num dado momento que nos encontrávamos num momento crítico da história, que um novo mundo estava já nascendo. Nos sentíamos como os peregrinos, no êxodo, a caminho da terra prometida. Hoje comprovamos que a realidade é exatamente oposta. Estamos exilados, na Catividade, e é muito provável que jamais chegaremos a ver de longe a terra prometida. Esta é a fonte de nossa frustração." (p. 214).

A impressão que deixam estas colocações é de um forte pessimismo. Sem dúvida que a situação vivida em nossa terra, certamente não dá lugar para grandes otimismo. A pergunta que se coloca é: será que as pistas apontadas por Alves não podem

significar um se inserir na lógica do dinossauro, que é a do quanto mais poder, melhor? Não estamos assim fugindo da conflitividade do presente? É uma suspeita que nos ocorreu. Suspeita que mais fortemente surge quando Alves, perguntando-se explicitamente pelo que devemos fazer nos diz-que **“não podemos produzir o acontecimento criador. Somos salvos pela graça. O acontecimento criador simplesmente tem lugar e se nos oferece ele mesmo, sem que nós sejamos capazes de dar uma explicação de sua gênese. O único que fica para nós é recebê-lo, unirmo-nos a ele (p. 223, grifo do A.)**. Já Assmann, comentando o primeiro livro de Alves, “A Theology of Human Hope”, afirmava que **“A alternativa proposta (por Alves) de fazer surgir a esperança da práxis histórica enquanto garantida pela decisão humanizante de Deus, que já está agindo, assim como está apresentada (na obra de Alves), parece-nos demasiadamente apoiada na garantia deste poder já operante de Deus e muito pouco na dialética das corporificações articuladoras desta esperança, como descoberta na própria luta de libertação, onde surge o horizonte do Deus pro-vocador (ASSMANN, Hugo, “Opressión-Lieración: Desafio a los cristianos”, Tierra Nueva, Biblioteca Mayor, Montevideo, 1971, p. 80; O grifo é nosso).**

Finalizando é de se lamentar que um trabalho de importância para nós, feito por um brasileiro, seja publicado em inglês e no já não tão próximo ano de 1972. Só agora se tem acesso a este trabalho pela louvável iniciativa das Ediciones Sígueme. Mas quantos brasileiros, preocupados em melhor entender o atual sistema para melhor poderem atuar sobre ele, ficam, mesmo assim, privados de uma importante colaboração de alguém, também brasileiro, e comprometido com a mesma causa.

Inácio Neutzling

**BELOTTI, Elena Gianini: O Descondicionamento da Mulher. Do nascimento à adolescência.** Tradução do original italiano por Ephraim Ferreira Alves. 164 pp., 21 x 13,5 cm. Editora Vozes. Petrópolis, 1975.

A intenção deste livro é clara: propõe-se a denunciar uma série de condicionamentos culturais opressivos, que reservam à mulher um papel secundário dentro da sociedade.

Centraliza a denúncia na estrutura da sociedade mesma, desfavorável ao desenvolvimento da mulher como pessoa de direitos e que a faz um ser estranho a si mesmo, tendente a satisfazer o homem, seu senhor.

A autora identifica o período que vai do nascimento até a adolescência, como "matriz das dificuldades posteriores" (p. 8), pois, "não há luta consciente contra as opressões" (idem). A consequência é a de que a mulher sofre duros abalos no momento das opções fundamentais, dificultando-a na busca de sua própria identidade pessoal.

É um livro que nasceu da observação de fatos oriundos da relação adulto-criança-meio. Parte do nascimento da criança e do mundo que a rodeia, ou seja, o dos adultos. Analisa o comportamento desses a seu respeito; o tipo de exigências que lhe são feitas e a maneira como lhas apresentam; as expectativas que envolvem o fato de ser menino ou menina, e os esforços empreendidos para fixar os papéis, segundo as regras do meio; as recompensas e castigos que recebe por adaptar-se ou não. Os fatos coletados foram buscados em famílias, creches, escolas maternais, elementares e médias, da Itália.

Há clareza, precisão e, principalmente, a faculdade de opinar, de denunciar falsidades absurdas de um modo de vida determinado por tabus. Mais que tudo, é um alerta duma educadora surpreendente, servida por uma capacidade enorme de percepção.

A autora utiliza uma linguagem simples, desprovida de qualquer rodeios estilísticos. Torna-se uma obra de leitura agradável e de fácil acesso, recomendada a pais - educadores.

José Nilde da Silva

D'APREMONT, Bernardin - DE GILLONNAY, Bruno: **Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)**. Tradução de Irmã Maria Antonieta Baggio. Introdução e Notas de Carlos Albino Zagonel. 268 pp., 23 x 16 cm. Universidade de Caxias do Sul. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Porto Alegre. 1976.

"Talvez o melhor da celebração do Centenário da Imigração Italiana seja o entusiasmo pela descoberta e publicação de documentos inéditos, desenterrados de baús e arquivos, referentes à saga da Imigração Italiana em terras gaúchas". Com esta primeira frase da "Introdução" de C. A. Zagonel (p. 9) está situada a presente contribuição original para a história do Rio Grande do Sul.

Os primeiros Missionários Capuchinhos, que em 1896 e 1898 chegaram ao Rio Grande do Sul, são os autores deste livro. Franceses de nascimento, exerceram anteriormente o ministério de professores de teologia em Ghazir, no Líbano. São, pois, homens bem formados, com experiência e visão.

Frei Bernardin "diariamente anotava em seu "Journalier" informações as mais variadas" do seu apostolado no Seminário de Porto Alegre e nas populações da serra gaúcha. Encheu "uma centena de cadernos (p. 10, ou ao menos 70, p. 6) que repousam no arquivo dos Capuchinhos da sua Província de Sabóia, em Annecy, na França. A pedido do Superior Geral da sua Ordem, Frei Bernardin escreveu no ano de 1914, em Roma, para onde voltara em 1913, o relatório histórico aqui publicado (1ª parte: p. 13-221). Compreende-se a vivacidade da sua narração e o tom às vezes "cáustico" (p. 10) do autor, seja pelo seu temperamento pessoal, seja por ver-se obrigado a defender o apostolado capuchinho contra uma "distorcida visão da Imigração Italiana" (p. 81) e porque o seu regresso do Seminário de Porto Alegre para Roma veio inesperado. Dom João Becker, o novo Arcebispo, aproveitou em 1913 a oportunidade de poder transferir o Seminário de Porto Alegre para "o antigo Conceição" de São Leopoldo, o que quase necessariamente implicava a substituição dos professores Capuchinhos pelos Jesuítas. Até que ponto influíram em tudo isto motivos "nacionalistas" franceses, alemães, italianos, na véspera da primeira guerra mundial, exigiria pesquisas mais extensas.

Muito interessanta, precisamente em nossos dias, é a passagem sobre "Os Indigenas do Rio Grande do Sul" (p. 68-80). Chegamos a saber, como Frei Bruno de Gillonnay buscou os Índios nas matas ainda existentes para, com o auxílio decidido do Governador Carlos Barbosa Gonçalves e seu Secretário do Interior, Protásio Alves, fundar a "redução" Cacique Doble, distrito de Lagoa Vermelha.

A IIª parte do livro: "25 anos dos Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul" (p. 223-244) é da autoria do "fundador da Missão", Frei Gillonnay. Veio primeiro e voltou mais tarde que Frei Bernardin. Publicou este resumo histórico do apostolado capuchinho na revista "Rosier de Saint François", de onde C. A. Zagonel o traduziu para esta edição. Sendo embora de extensão reduzida, é outro olho que vê a mesma época que Frei Bernardin, ultrapassando-a até 1920.

A "Coleção Centenário da Imigração Italiana", na qual este livro constitui o nº 12, já atingiu a cifra de 15 estudos, enriquecendo notavelmente a historiografia gaúchá.

BAKER, Roberto A.: **Compendio de História Cristiana**. Traducción al español por Francisco Almanza G. 372 pp., 21 x 13,5 cm. Casa Bautista de Publicaciones 1974 (original inglês 1959).

"O autor - segundo o informe da capa - cursou seus estudos com notáveis historiadores do cristianismo, como W. W. Barnes e Kenneth Scott Latourette; por três décadas, aproximadamente foi professor no Seminário Batista do Sueste, em Fort Worth, Texas".

O "Compendio" abrange, na devida brevidade, toda a história cristã. É um livro sem indicação de literatura e sem nota nenhuma, mas bem escrito.

As 3 partes até a "Reforma Ocidental" (pp. 5-135) têm os seguintes títulos: "Período dos inícios cristãos" (até o ano 100), "período da dominação pagã" (até o ano 325), "período do desenvolvimento papal" (até 1215). Com o 4º Concílio do Latrão, de 1215, sob o Papa Inocêncio III, esta Igreja atingiu o seu apogeu.

A 4ª parte, "O período da Reforma Ocidental, 1215-1648", abrange primeiro os capítulos 12-16, este último com a inscrição "a plenitude do tempo", seguindo-se os cap. 17-23 sobre as diversas Reformas protestantes", "o avivamento Católico Romano" (pp. 229-241), e "o cristianismo americano" (pp. 249-258). As duas últimas partes são dedicadas à "Introdução do Racionalismo, 1648-1789" e ao "período da secularização geral (1789 até o presente)" (pp. 299-364), cada vez com um capítulo especial sobre o "cristianismo americano". R. A. Baker revela-se, pois, um professor com visão interessante, atualizada e ecumênica, da história do cristianismo.

Mas, - e eis que vem o célebre "mas" - aparece em toda a sua clareza o problema ecumênico como tal: a divisão na fé, a divisão na concepção da forma autêntica do cristianismo. O autor, lançando sobre a história cristã a luz da sua fé e teologia batistas, assinala já para o ano 325 "o fim de uma era" (p. 44), na qual se tinham operado "mudanças na natureza da fé", "da Igreja neotestamentária", "da autoridade eclesiástica", "do culto"; e aduz "as razões para a extensa corrupção do Cristianismo" (p. 52). Mais tarde (p. 70) resume mais uma vez com clareza o seu pensamento, num capítulo intitulado "Os fundamentos católicos romanos": "Em 325, quando se reuniu o primeiro concílio católico (universal), o Cristianismo tinha assumido várias características que claramente não eram escriturísticas e podiam chamar-se "católicas". Estas incluíam (1) a idéia de uma Igreja universal visível composta de bispos, (2) a crença de que os sacramentos (nome que agora receberiam)

traziam consigo uma espécie mágica de graça transformadora, (3) o uso de um sacerdócio especial (clero) que somente pela ordenação estaria preparado para administrar estes sacramentos, (4) o reconhecimento dos bispos como governantes oficiais. Todas estas características podem ver-se atualmente nos grupos cristãos que se chamam a si mesmos de católicos: os católicos romanos, os católicos gregos e os católicos anglicanos”.

Diante da teologia batista, pois, apresentam-se como desvios da S. Escritura doutrinas e práticas, que “os católicos” mantêm, por as terem recebido da Escritura e dos “Santos Padres” na fé, não como corrupção do primitivo cristianismo mas como desenvolvimento da semente lançada pela palavra falada e escrita dos apóstolos.

Sem dúvida, houve corrupções. Como no povo de Deus do AT às corrupções havidas seguiram-se dolorosas “reformas”, operadas pelo Senhor, assim também na Igreja do NT há corrupções que necessitam sempre de vigilância e de reformas. Mas temos para nós que o Pai, que enviou o seu Filho e o Espírito Santo ao gênero humano, quer de fato conduzir os cristãos, no moderno Movimento Ecumênico, de forma que consigam completar, finalmente, aquela “reforma Ocidental”, de que fala o autor (a Igreja Oriental faz pouca presença no livro, quase só como “oposição à autoridade romana”), e consigam viver a unidade da fé e do amor, desejada por Jesus Cristo e pela Bíblia. A Igreja de Cristo é a maior construção que se faz neste mundo: não tem igual. Exige muito dos homens, em colaboração com Deus.

**P. Frederico Laufer S.J.**